

# KELULUÍSA (Conto)

Bajosse Baca



Título: KELULUÍSA (Conto).

Ano: 2022

Autor: Bajosse Baca

Revisão: Bajosse Baca

Edição: Bajosse Baca

Imagem de capa: Bajosse Baca/Canva

E-mail: [Bajomaria17@gmail.com](mailto:Bajomaria17@gmail.com)

[Www.Facebook.com/Bajosse Baca](http://Www.Facebook.com/Bajosse%20Baca)

Terminal: +244926170461

Bajosse Baca-©Todos Os Direitos Reservados.

# “KELULUÍSA<sup>i</sup>”

## (Conto).

Gabriela Keluluísa, acreditando na suposta visão que tivera, despertou-se no meio da noite e pôs-se a rir alegremente. O seu sorriso, numa primeira instância, gigante e calado, a deixara fluir sobre os destroços do escusado sonho.

Contudo, conservou-se sorridente após a fragrância de Kini apoderar-se do seu estreito e fino nariz emparelhado ao rosto magro, enquanto o escuro do quarto jazia diante de si, impossibilitando-a visualizar os imóveis. Ainda deitada de barriga para baixo, tateou a cama, depois o travesseiro em busca da presença de Kini, ao notar a ausência deste, abriu sutilmente os olhos, mas, voltou a fecha-lo e rispidamente adormeceu na ilusão de voltar a vê-lo.

Toda via, Gabriela não sentiu a presença de Kini igual no sonho anterior. O desejo de tê-lo levou-a a repetir o mesmo gesto ao amanhecer: tateou a cama, depois o travesseiro umas cinco vezes ou mais, como se fosse um rito sagrado.

Gabriela, vagorosamente forçou o seu corpo a obedecer à ordem que ela também rejeitara impor. Entretanto, apesar de opor o seu querer, fez somente o necessário e após travadas certas dúvidas de si, abriu os olhos, sentou na cama e perdeu-se por instantes no vago pensar.

Surgiram-lhe inúmeras recordações, o amargo do adeus dominou-a, rasgando-a o peito, deixando-a submersa a dor. Gabriela lagrimejou assim, um húmido minúsculo num choro miúdo e mudo, depois, o choro miúdo e mudo, foi crescendo gradualmente, ganhando voz e o húmido minúsculo, transformara-se num velho mar.

Num instante, o sal do esfera adotara os seus olhos como novo lar, tomando o seu sorriso que deixara de florescer.

Gabriela Keluluísa, sentindo o gosto do abandono, negara a impossibilidade de voltar a tocar a pele de Kini. Todavia, negara a verdade; negara a realidade. Queria mais dele, ainda que fosse só em sonhos. Queria mais do paladar amigável do beijo ilusório de Kini, queria perder-se mais no abraço aconchegado que ele oferecera no seu sonho.

Gabriela Keluluísa, voltada no escuro que lhe envolvia o quarto, sustentou a necessidade de ser o seu próprio abajur, encadear seus querereres, e assim, na ausência do objeto, Gabriela, finalmente, levantou da cama apesar do amargo que sentia. Andou desanimada até a porta do quarto, encostou-se na parede esquerda onde se encontrava o interruptor e ligou a lâmpada. Tal

gesto trouxe-lhe reflexões inéditas: “Minha luz se esconde de mim, ou me escondo dela?”.

Após a interrogação, abriu a janela e, a luz do dia abordou energeticamente os seus olhos. Tal luz parecia sorrir para ela, convidando-a a sorrir de volta para o novo dia que nascia, naquele instante o seu sorriso voltou a assentar-se no seu rosto.

Após ver o sol assim, puro, se deixou invadir pelo cheiro de terra seca, estadeou alegria de braços abertos e pensou, positiva: “Aceito o convite, hoje viverei intensamente o dia”.

Depois do acordo singular, cobriu o seu corpo quase despido, convidando a toalha branca para juntar-se a cueca escura que vestia. Em seguida, saio do quarto de modo a higienizar-se. Posterior a purificação rotineira, Gabriela ficou menos tensa e convicta de que, o Kini, não passava de um sonho bonito que a impedia de olhar a

realidade com a mesma beleza que o sentia em seus sonhos.

Por fim, num gesto de grandeza, determinou: “Kini jamais me fara chorar, não voltarei a derramar lágrimas por quem desistiu de mim por espontânea vontade! Kini, amo-te, admito! Mas amo mais a mim e vou resgatar a minha luz perdida em mim. Este é o meu adeus, encomendado há dois meses depois da tua partida, e só hoje chegou, ainda empacotado a cheirar novo, é o adeus de mim para o teu espírito que insiste acompanhar-me em meus sonhos. Então digo Adeus! Este é o meu adeus após o teu. Adeus Kini... Adeus!”.

---

† Keluluísa é uma palavra de origem Bakongo, na língua Kikongo quer dizer, fazer chorar. Diz-se geralmente, para

---

referir-se a uma pessoa cuja as lágrimas são derramadas por sua culpa.

**FIM!**